

## Por uma historiografia das mídias através da literatura

### *For a media historiography through literature*

André Corrêa da Silva de ARAUJO<sup>1</sup>

#### Resumo

O presente artigo visa discutir, a partir da obra de Marshall McLuhan e Friedrich Kittler, uma proposta teórico-metodológica que verse sobre uma possível historiografia das mídias através da literatura. Na obra de ambos os autores identifica-se não apenas uma forte vertente historiográfica como também uma proposta original à respeito dos modos como tais histórias das mídias podem ser estabelecidas. Apesar das radicais diferenças no pensamento de ambos os autores, uma constante permanece: ambos estabelecem suas histórias das mídias com o foco voltado para textos literários. Tendo isso em vista, este artigo propõe-se a sistematizar as principais questões à respeito de uma historiografia das mídias na obra tanto de McLuhan quanto de Kittler e destacar esse protagonismo da literatura em suas análises. Por fim, propõe-se também pensar de que forma é possível posicionar textos literários como centros de análises que visem estabelecer diferentes histórias das mídias.

**Palavras-chave:** Historiografia das mídias. Literatura. McLuhan. Kittler.

#### Abstract

This paper seeks to discuss, through the works of Marshall McLuhan and Friedrich Kittler, a theoretical-methodological approach about a possible media historiography through literature. In the works of both authors, we identify not only a strong historiographic approach but also an original proposal about the ways in which such media histories can be established. Despite the radical differences between the thinking of these authors, we can see a constant: both write their media histories having literary texts as their focus. Having said that, this paper seeks to organize the main concerns about media history in McLuhan and Kittler and focus on the protagonism of literature in their analysis. As a conclusion, we also propose a way of operating with literary texts as center of analysis on possible and different media-historiographical works.

**Key-Words:** Media historiography. Literature. McLuhan. Kittler.

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFRGS.  
E-mail: andreसारaujo@gmail.com

## **Introdução**

A influência dos meios de comunicação e suas dinâmicas de produção de sentido sobre a literatura não é um fato novo, e os processos dessa influência já foram exaustivamente debatidos e estudados em diversos trabalhos acadêmicos e de crítica literária. Entretanto, tais trabalhos concentram-se quase que exclusivamente no campo da teoria literária, tendo pouca produção no campo específico da Comunicação. Essa fato é curioso, dado que

Dessa forma, o presente artigo visa discutir não apenas a relevância do estudo de textos literários e sua relação com as mídias para o campo da Comunicação como também analisar uma proposta teórico-metodológica de cunho historiográfico, onde uma história das mídias poderia ser estabelecida justamente a partir dos diferentes efeitos por elas produzidas na linguagem escrita.

Tal proposta tem por base a obra de dois autores canônicos nos estudos de Comunicação, Marshall McLuhan e Friedrich Kittler. Ambos os autores possuem livros que propõem, assumidamente, estabelecer não apenas uma história dos meios de comunicação como também uma metodologia capaz de dar conta da escrita dessa história. Apesar das diferenças fundamentais entre a abordagem de ambos autores, uma constante metodológica aparece: tais histórias da mídia tem por objeto de análise textos literários.

O presente artigo visa explorar os detalhes da compreensão historiográfica de cada autor, dando destaque a posição de centralidade que a literatura possui em cada um de seus sistemas. Assim, pretende-se tentar delinear uma possível proposta teórico-metodológica à respeito de uma historiografia das mídias que possua, como objeto de análise, textos literários compreendidos em sua relação com as mídias.

## **McLuhan e os ambientes**

A proposta historiográfica de McLuhan passa, em um primeiro momento, pela compreensão das tecnologias enquanto criadoras de ambientes abrasivos, responsáveis por produzir efeitos e realizar transformações gerais nos modos de vivência humanos.

Tal compreensão é fruto de um trabalho realizado pelo pesquisador canadense de historização do surgimento dessas tecnologias e o modo como se articulam no interior da cultura de forma a criar os chamados ambientes.

Tal trabalho de mapeamento da configuração ambiental não se dá num nível de descrição das invenções e suas propriedades específicas, mas sim a partir de um ponto de vista que leva em conta as traduções operadas por essas tecnologias nas mais diversas esferas da cultura e da sociedade - ou seja, de que forma a introdução do alfabeto fonético, por exemplo, transformou a compreensão do mundo tal como estabelecida pela sociedade tribal.

A operacionalidade própria do alfabeto - linearidade, continuidade, espacialidade - criou um ambiente que operou diretamente por sobre as formas já estabelecidas do modo de vida tribal a partir de uma tradução daquilo que próprio da oralidade em escrita. São essas traduções que evidenciam um conjunto de regras, próprios das materialidades dos meios, capaz de compreender as formas com as quais tais meios agem enquanto ambientes. Podemos entender, nesse caso, o ambiente da oralidade a partir das transformações sofridas por esse ambiente a partir do advento do alfabeto fonético.

Dessa forma, nota-se que o trabalho de compreensão ambiental - ou, ao menos, do mapeamento histórico de sua configuração - dá-se muito mais no momento das passagens de um ambiente a outro do que efetivamente de análise tecnológica. É preciso compreender a forma pela qual a tecnologia tem a possibilidade de traduzir modos de vivência e também ser traduzida - em nós e na sociedade. Por isso a história dos meios deve ser sempre compreendida como uma história dos efeitos: quais foram os impactos causados a partir de um novo meio? Portanto, o olhar de McLuhan irá se deter justamente nos momentos de “troca” de ambientes, pois as tecnologias antigas acabam se transformando de acordo com a influência da nova tecnologia, sendo assim evidente a forma pela qual ela opera em determinada sociedade.

Inclusive, o papel que os meios mais antigos desempenham na história dos meios de McLuhan é de relevância determinante, pois é apenas a partir das transformações observadas no modo de operação desses meios antigos sob a influência de outros novos é que torna-se possível não apenas sua compreensão como também sua historização. Na dinâmica ambiental, McLuhan irá chamar esses meios antigos de

contra-ambientes.

Para seguir no exemplo da troca ambiental entre oralidade e escrita, podemos nos apoiar no trabalho de Regiane Nakagawa (2010), quando afirma que a disciplina da retórica - ou seja, a arte da fala - só é estabelecida a partir do advento da escrita. A racionalização do ato de fala, sua análise e desenvolvimento de estratégias persuasivas tem relação direta com as possibilidades inauguradas pela materialidade própria da escrita - ainda que observável (e operada) sobre a oralidade.

Irene Machado (2014), em trabalho de fôlego no qual propõe-se a sistematizar a reflexão um tanto quando dispersa de McLuhan quanto à historização dos meios, afirma que na perspectiva mcLuhaniana é necessário “contar a história dos meios não pela sucessão de inventos sócio-técnicos isolados, mas pelos 'efeitos' culturais, isto é, pelas transformações no modo de tratar as informações representativas das percepções em ambientes vivenciais” (2014, p.60).

Machado deixa claro que o que deve ser analisado são os “efeitos” culturais produzidos pelos meios. Que tipo de efeitos uma nova tecnologia produz nas antigas, parece ser a pergunta capaz de guiar a análise historiográfica de McLuhan. Pois, como o autor canadense sempre afirmou, um meio novo é muito mais que sua dimensão estritamente tecnológica. Como não há expressão fora de uma dimensão material, a introdução de uma nova tecnologia de comunicação abre não apenas todo um novo leque de possibilidades materiais para o tratamento de diferentes tipos de informação, como também modifica o nosso olhar em relação ao mundo que se abre justamente a partir dessas possibilidades e lógicas que até então mantinham-se inexploradas (ou inexistentes) justamente por não haver materiais disponíveis, ou, até mesmo, um raciocínio capaz de dar conta dessa informação. Como bem aponta Machado (2014, p. 60),

o ponto significativo na hipótese de McLuhan se traduz no seu entendimento de que o modo de produzir informação interfere na maneira pela qual a informação é percebida e compreendida culturalmente. Nesse caso, a tecnologia coloca-se a serviço da linguagem como processo de significação. O efeito revela-se, por conseguinte, como instrumento a transformar a informação em linguagem e esta em veículo de percepção e conhecimento.

Há, portanto, uma relação indissociável entre tecnologia, linguagem e história dentro dessa perspectiva. Pois é justamente a materialidade da tecnologia que abre a

possibilidade de tornar diferentes aspectos do mundo cognoscíveis através da linguagem. Entretanto, a forma com que tal linguagem toma corpo é necessariamente decorrente dos modos de operação dessa tecnologia, que é determinada historicamente pelas possibilidades e materiais disponíveis para essa expressão.

O ambiente, para McLuhan, enquanto conjunto desses efeitos culturais, é portanto essa grande articulação tradutória que possibilita a abertura do mundo enquanto linguagem através de suas propriedades materiais. Há uma relação que rompe com a ideia de causa e efeito aqui: não há como conhecer o mundo se não através dos efeitos produzidos pela articulação entre linguagem e tecnologia, recortada num período histórico determinado. O efeito, ou a tradução da tecnologia em linguagem, é o que possibilita a compreensão das causas, e não o oposto.

Por isso Machado afirma que a história dos meios é, para McLuhan, uma história da linguagem (2014). A linguagem está no centro da dinâmica ambiental, sempre compreendida como processo em contínua transformação. Compreender essa dinâmica implica dar conta “das diferentes formações perceptuais e cognitivas utilizadas nos processos de trocas e de convivências, merecidamente, denominadas 'linguagens da comunicação’” (2014, p. 60). Ou seja, na interação entre aparato tecnológico, informação, sociedade e mensagem, existe uma complexa dinâmica de tradução, sendo essa dinâmica aquilo a que podemos chamar de processo comunicativo. As dinâmicas próprias de um meio são responsáveis por determinar “a maneira pela qual a informação é processada para se tornar linguagem” (MACHADO, 2014, p.61), e expressam o processo em que “o tratamento da informação foi traduzido em termos do meio, o qual produz, por sua vez, um efeito decisivo sobre a mensagem” (MACHADO, 2014 p. 63).

O que McLuhan, através de Machado, está chamando atenção aqui é justamente o fato de que não há como compreender a linguagem separada do ambiente no qual ela é utilizada. Toda a linguagem é forjada no interior de um arranjo tecnológico complexo, que abre (ou limita) suas possibilidades de expressão. E esse arranjo é, necessariamente, delimitado historicamente. Por isso, McLuhan compreende que aquilo que conhecemos do mundo ou o que dele podemos expressar é necessariamente mediado por um agenciamento que pouco tem a ver com nossa 'interioridade' ou 'consciência', mas, sim, com padrões e sistemas exteriores a nós mesmos, que moldam o nosso estar no mundo e que se transforma de acordo com o desenvolvimento da história.

As novas formas tecnológicas incidem sobre a nossa linguagem e, por conseguinte, moldam aquilo que podemos perceber do mundo. Não pensamos ou nos expressamos da mesma maneira depois que o modo de produzir, armazenar e distribuir informação é transformado por uma tecnologia. Entretanto, é justamente nessa articulação entre tecnologia e linguagem num determinado arranjo histórico que reside aquilo que McLuhan chama de ambientes: as transformações que essa relação opera sobre o mundo e sobre nós mesmos.

Desta forma, a proposta historiográfica de McLuhan nos parece bastante clara, pois trata-se de compreender as formas pelas quais os aparatos midiáticos incidem sobre a linguagem e criam padrões que moldam a cultura, e não de descrever seus inventos e relacioná-los a um dado contexto social e político de uma época. Tentar compreender historicamente o modo como se articula essa interação e as traduções operadas por essa dinâmica é o que nos permite definir o modo de operação da linguagem em sua materialidade. Ou, nas palavras de Machado, estabelecer uma

história que valoriza os efeitos e não as sucessões tem o mérito de acompanhar o desenvolvimento dos meios de comunicação não como aparatos tecnológicos mas, sobretudo, como linguagem. Graças à capacidade de elaborar linguagem, os meios podem mudar comportamentos, ações, percepções. Esse é o mérito maior da história alfabetizadora. Ao assumir o centro do processo de alfabetização pelos meios, **a linguagem mostra-se em seus diferentes códigos históricos.** (MACHADO, 2014, p. 68, grifo nosso)

O gesto historiográfico de McLuhan torna-se evidente a partir dessa citação de Machado, pois a partir dela podemos compreender que os meios de comunicação e seu ambiente deixam marcas na linguagem e suas relações de significação. O modo de compreender os efeitos dos meios de comunicação é “escavar” essas marcas e assim extrair os traços formais que a deram origem - ou seja, mapear os códigos históricos responsáveis por criar as relações de significação que ali estão operando. Por isso, o trabalho de estudo dos meios de comunicação, para McLuhan, é sempre um trabalho de história dos meios, uma historiografia que tenta mapear essas marcas de linguagem, ou a forma pela qual determinado sentido é produzido em um determinado período.

Por esse motivo que podemos compreender que um dos caminhos para estabelecer uma história das mídias é através da análise de textos literários. A escrita é um meio “antigo” que necessariamente sofre transformações sobre a sua forma de

produzir sentido a cada nova tecnologia introduzida na sociedade. As diferentes formas pelas quais a literatura expressa esses efeitos de outros meios em sua própria constituição aponta para a configuração de um determinado ambiente em determinado período histórico. Não por acaso, é justamente por esse caminho que McLuhan estabelece a sua historiografia das mídias.

Tanto em seu livro inaugural como teórico das mídias, *A Galáxia de Gutenberg* (1977), quanto em sua obra mais reconhecida, *Os meios de comunicação como extensões do homem* (2007), McLuhan irá se debruçar sobre diversas fontes para tentar compreender um determinado ambiente, trazido à tona a partir da tecnologia da imprensa (no caso da *Galáxia*) ou da eletricidade. Seu método, entretanto, segue o mesmo: ele investiga a obra de poetas e literatos de forma a tentar compreender o que há em sua linguagem que aponte para o estabelecimento de um novo ambiente.

Como havíamos afirmado anteriormente, as tecnologias “antigas” são o locus privilegiado do estudo dos efeitos para McLuhan, pois são reconfiguradas a partir de novas lógicas instauradas por novas tecnologias. Dessa forma, não admira que, em vias de adentrar um novo ambiente, McLuhan investigue a sua configuração a partir dos efeitos que tais tecnologias produziram na escrita.

Ou seja, a escrita é necessariamente reconfigurada visto que a forma da linguagem já não é mais limitada pela lógica tecnológica do alfabeto ou da tipografia. A liberação de sentidos ainda não previstos em textos literários é decorrente dessa reconfiguração, em dois aspectos: no primeiro, abre-se um leque de possibilidades de expressão que escapam à lógica linear e discriminada da escrita. No segundo, se possui uma maior consciência das lógicas de processamento da linguagem escrita justamente pela diferença em relação a outras formas de elaborar a expressão.

McLuhan identifica, seguindo a lógica dos ambientes e contra-ambientes, que é através da escrita que se pode compreender de forma mais apurada a configuração dos ambientes. Pois, se antes a escrita é que era 'invisível' à nossa percepção, agora são os meios eletrônicos que o são. Já a escrita, por tornar-se auto-consciente, consegue a partir de suas próprias formas expressar as lógicas que agora moldam o mundo. McLuhan afirma, inclusive, que o modo como operacionalizou sua teoria sobre os meios de comunicação foi detendo-se sobre o trabalho de escritores da virada do século, exatamente quando está ocorrendo o surgimento do ambiente eletrônico:

De fato, vocês descobrirão que os grandes instrutores em todas as questões de mídia são esses pintores e poetas do fim do século XIX e pessoas como James Joyce, Eliot, Pound e outros. Eles passaram a vida estudando os nossos sentidos enquanto entravam tecnologicamente no ambiente, porque compreendiam que isso tinha um efeito profundo sobre a linguagem e sobre o meio de comunicação que estavam trabalhando como poetas (MCLUHAN, 2005, p. 133)

O modo como esses escritores refletiam a presença e configuração do novo ambiente era expresso na própria materialidade da escrita, ou melhor, nas formas expressivas que usavam para escrever. As diferentes lógicas de escrita inaugurados pelos artistas da virada do século XIX para o XX, tratados por McLuhan por um 'novo estilo', só foram possibilitadas porque esses escritores identificaram uma articulação tradutória entre as novas tecnologias e sua expressão na reconfiguração da linguagem. Assim, a forma literária pode assumir uma nova forma, possível apenas pelo modo como o ambiente estava configurado. Em decorrência disso, essas novas formas, se compreendidas, indicam a própria configuração do ambiente:

O estilo não é o modo de expressar alguma coisa. É um modo de ver, de conhecer. Devo todo o meu conhecimento dos meios de comunicação a pessoas como Flaubert, Rimbaud e Baudelaire. Eles começaram a estudar os materiais com que trabalhavam visando ser fieis ao estilo. Eles puseram-se a estudar não o que queriam expressar, mas sim os meios disponíveis para a expressão. Quando começaram a estudar esses materiais, não tardaram a descobrir que o meio é a mensagem. Foi uma grande façanha, porque o que descobriram foi que a função da arte é ensinar a percepção humana. (MCLUHAN, 2005, p. 131)

Dessa forma, McLuhan aponta para a constituição da escrita e da literatura como um espaço privilegiado para o estudo das mídias e de sua história. O que McLuhan está tratando aqui por estilo é justamente a configuração do código histórico da linguagem. Ou seja, para o autor canadense, uma descrição do modo como textos literários produzem sentido aponta para um arranjo midiático que torna possível justamente essa produção de sentido. Assim, uma das portas de entrada para o estabelecimento de uma historiografia das mídias é justamente a análise de textos literários na sua relação com o ambiente no qual tais textos foram elaborados.

## Friedrich Kittler e as redes discursivas

A proposta historiográfica de Marshall McLuhan é um dos grandes marcos no campo das teorias das mídias à respeito sobre o modo de tratar e compreender a atuação dos meios de comunicação na sociedade. Não obstante, sua obra foi exaustivamente discutida, explorada e criticada por diversos autores da área. Um dos maiores intercessores do pensamento de McLuhan é o alemão Friedrich Kittler, que na mesma medida se apropria e atualiza o pensamento do canadense. Kittler nos interessa nessa discussão pois, assim como McLuhan, sua teoria das mídias tem um caráter fortemente historiográfico e também baseia-se, como objeto de estudo, na interação entre textos literários e as mídias. O conceito elaborado por Kittler para dar conta dessa “formação histórico-midiática” é o de Redes Discursivas, que refere-se à:

rede de tecnologias e instituições que permitem a uma dada cultura selecionar, armazenar e produzir dados relevantes. Tecnologias como a impressão de livros e as instituições vinculadas à ela, portanto, como a literatura e a universidade, constituíram uma formação historicamente muito poderosa. (KITTLER, 1990, p. 342, tradução livre)<sup>2</sup>

O conceito é um deslocamento foucaultiano em relação à obra de McLuhan e a sua noção de ambientes, pois as redes discursivas ocupam uma posição semelhante analiticamente ao que Foucault chamou de “sistemas de formação discursivos” (2013). Efetivamente, Kittler opera uma torção em ambos - tanto em Foucault quanto em McLuhan. No primeiro, atualiza sua ideia de análise do discurso ao incluir a categoria da medialidade, ou seja, os modos materiais da comunicação, como determinantes não apenas no plano da produção discursiva, mas como condição apriorística da possibilidade de emergência de qualquer discurso. Já em relação ao segundo, Kittler traz a noção de ambiente para um plano mais tangível e material, de análise das práticas discursivas levando em conta os efeitos de cada meio nos enunciados e a existência de arranjos expressivos complexos (semióticos, tecnológicos, culturais, institucionais) conjugados na produção discursiva. Tal giro conceitual aproxima Kittler de uma

---

<sup>2</sup> "the network of technologies and institutions that allow a given culture to select, store and produce relevant data. Technologies like that of the book printing and the institutions coupled to it, such as literature and the university, thus constituted a historically very powerful formation".

perspectiva pós-estruturalista e é bem definido por Winthrop-Young e Wutz em extensa e profunda introdução da obra do autor alemão:

1º Passo: Reconhecemos que somos falados pela linguagem. 2º Passo: Entendemos que a linguagem não é uma entidade nebulosa, mas se manifesta na forma de práticas discursivas historicamente limitadas. 3º Passo: Finalmente percebemos que essas práticas dependem do meio. Em resumo, a análise do discurso que se origina no estruturalismo, e a teoria da mídia se origina na análise do discurso. (...) eles deslocaram a análise do discurso de sua orientação textual e discursiva e situaram-na em sua base midiática-tecnológica. (WINTHROP-YOUNG e WUTZ, 1999, p. XX- XXI)<sup>3</sup>

Nota-se, a partir dessa citação, que não apenas a linguagem não está deslocada de um fundamento determinadamente histórico como também sua determinação é efeito direto da presença das mídias. Uma possível análise discursiva à moda kittleriana, necessariamente, deve levar em conta esse caráter histórico da configuração da rede discursiva e das formas midiáticas que a possibilitam. Tendo isso em vista, Kittler irá erigir como seu centro de análise os modos pelos quais a literatura reflete e cria essas redes discursivas midiáticas em sua própria forma de expressão.

O processamento de dados de uma determinada sociedade pode ser reconstruído pela análise de suas mídias artísticas. Menos formais que seus sistemas de conhecimento, essas mídias apresentam e propagam as regulações elementares que culturalizam os nativos dessa sociedade. Antes que qualquer coisa possa ser conhecida, é preciso que haja regras ou sinais para que se identifiquem as coisas como dados ou signos; é preciso que haja regras definindo quais pessoas ou dispositivos serão aceitáveis como fonte, emissores, canais e receptores de informação (KITTLER, apud JOHNSTON, 1998, tradução livre)<sup>4</sup>

Ou seja, o Kittler está afirmando aqui justamente aquilo que Machado chamava de “compreender a linguagem em sua configuração histórica”. Levar em conta as

---

<sup>3</sup> "Step 1: We recognize that we are spoken by language. Step 2: We understand that language is not some nebulous entity but appears in the shape of historically limited discursive practices. Step 3: We finally perceive that these practices depend on media. In short, structuralism begot discourse analysis, and discourse analysis begot media theory. (...) they pulled discursive analysis off its textual and discursive head and set it on its media-technological feet

<sup>4</sup> "The data processing of a given society can be reconstructed by analyzing its artistic media. Being less formal than its systems of knowledge, those media display and propagate the elementary regulations that culturalize the natives of that society. Before anything can be known, there must be rules or signs for identifying things as signs or data; there must be rules defining which persons or devices will be acceptable as source, as emitter, as channel and as receiver of information."

formações midiáticas materiais que não apenas transformam o caráter da linguagem enquanto processada como texto literário, como também abrem um caminho para compreender determinadas formações discursivas e seus modos de operação no processo comunicativo.

A literatura, se pensada dessa forma, deixa de ser a expressão de uma dada interioridade ou consciência para ser um registro dos modos de acumulação, produção e transmissão de informação de uma dada sociedade. Mais que isso, numa sociedade dominada por sistemas semelhantes, mas que operam por uma matriz totalmente diferente da tecnologia da escrita, um texto torna-se a posição privilegiada para a compreensão das lógicas sistemáticas que regem a produção discursiva justamente pelo princípio da diferença. Um texto literário, assim, deveria traduzir em seus próprios termos as lógicas das mídias, pois as mesmas são responsáveis por delinear o sistema de formação discursiva no interior do qual o texto está sendo produzido. A experiência midiática só se torna cognoscível (ou para McLuhan, o ambiente só se torna visível) em seu funcionamento quando é refletida ‘de fora’. Enquanto imersos nas práticas discursivas produzidas pelas próprias mídias que moldam o ambiente, nossa percepção é o próprio ambiente.

Por essa razão David Wellbery, em comentário a obra de Kittler, chama sua empresa teórica e análises literárias de uma “crítica pós-hermenêutica” (1990, p. X). Pouco importam os conteúdos veiculados, intenção do autor ou significado transcendental de um dado texto: importa, nessa perspectiva, o percurso gerador de sentido produzido pelo texto *em função* da rede discursiva que o produz. . Dessa forma, podemos delinear de forma mais aprofundada esse percurso metodológico proposto por Kittler e definido por Wellbery como uma crítica pós-hermenêutica a partir de dois conceitos fundamentais: o de exterioridade e o de medialidade.

O princípio da exterioridade possui em seu funcionamento duas faces. A primeira, o fato da existência concreta de um determinado discurso como um evento comunicativo material: "focamos no fato bruto de que alguns discursos *foram* produzidos, em vez de não o serem, em vez de outros" (WINTHROP YOUNG e WUTZ, 1999, p. XXII)<sup>5</sup>. A segunda, a existência de uma articulação exterior ao discurso (ainda que por ele produzida) que possibilita a existência própria do mesmo. Tais expressões da

---

<sup>5</sup> “it focuses on the brute fact that certain texts *were* produced - rather than not, rather than others”.

exterioridade foram propostas, analisadas e descritas à exaustão por Foucault em *Arqueologia do Saber* (2013). Esse fora, ou exterioridade constitutiva do discurso e de seu sistema de formação, é o que Kittler chama especificamente de redes discursivas. É a disposição material das possibilidades comunicativas e o arranjo específico dessas mesmas possibilidades enquanto regras que as faz produzir determinado discurso, de determinada forma, sob determinadas circunstâncias. Ou seja, é uma dimensão, como Foucault a chamava, pré-discursiva, ainda que mapeável apenas na superfície material da ordem do discurso.

Foucault afirma que a unidade que dá forma a um discurso é, paradoxalmente, constituída por uma dispersão: dispersão de objetos, enunciações, práticas, conceitos, instituições. Kittler acrescentaria a esse rol os materiais disponíveis para a expressão - mídias. Tal dispersão pode ser descrita, em sua singularidade, apenas se formos capazes de compreender as regras específicas segundo as quais o discurso veio à tona. Ou seja, a unidade de uma formação discursiva “reside, muito antes, no sistema que torna possível e rege sua formação” (FOUCAULT, 2013, p. 85). Há no discurso um sistema que lhe é anterior e exterior. Entretanto, Foucault alerta para o fato de que esse sistema não é uma forma estática soberana que impõe sua presença no discurso; não é de ordem transcendental imposta por uma dada consciência humana, muito menos provém de instituições coercitivas que forcem sua transcrição (2013, p. 87). A formação discursiva é resultado do conjunto disperso das regularidades próprias da dispersão dos discursos.

Essa dimensão da exterioridade é o dispositivo central para as análises empreendidas por Kittler em seu principal livro, *Discourse Networks 1800/1900* (1990). O autor alemão mapeia, a partir de textos literários, quais seriam as redes discursivas responsáveis por articular os discursos de dois períodos da literatura alemã, o romantismo e o modernismo, tratados por ele, respectivamente, de Rede Discursiva 1800 e Rede Discursiva 1900. No seu mapeamento diagramático da poesia romântica, o autor não se desvia da análise estritamente discursiva nos moldes propostos por Foucault para tentar dar conta dos modos como o romantismo era comumente tratado pela crítica literária alemã, na sua relação com uma interioridade, sentimentalidade, ou sua dimensão lírica. Kittler, como bem aponta Foucault, permanece na dimensão do discurso.

A rede discursiva 1800 é caracterizada pelo que Kittler chama de “monopólio da

escrita”, ou seja, a escrita como único modo de registro de informação. O monopólio da escrita, ou o seu auge no século XIX, produziu os discursos da poesia romântica justamente pelo arranjo de diferentes práticas, instituições, tecnologias. Na superfície do discurso poético, essa rede discursiva se expressa como uma busca por uma dada interioridade a que Kittler chama de uma “alucinação interior” produzida por suas figuras poéticas. Essa alucinação não é nada mais que um modo específico de leitura que visa restituir uma dada relação com o mundo através de, por exemplo, figuras poéticas que remetem a imagens ou sons tal como registrados pela escrita. E essa relação muito tem a ver com a interrelação entre as formas de comunicação da época: imprensa, cartas, poesia, alfabetização.

Não cabe entrar nos meandros específicos dos detalhamentos da rede discursiva 1800 (a introdução de Wellbery é exemplar nesse sentido), mas cabe apenas a explicitação do método de Kittler que compreende a partir da ordem do discurso e de suas figuras - tecnologias de comunicação, imagens poéticas, interiorização da leitura, mãe alfabetizadora, relação com o amor - não como abstrações da ordem da produção poética, mas sim, como sistematicidades pré-discursivas, no sentido foucaultiano, que regulam a produção de um determinado tipo de discurso: a poesia romântica alemã.

Em relação à rede discursiva posterior à do romantismo, é necessário retomar o segundo pressuposto metodológico do trabalho de Kittler: a premissa da medialidade. Esse conceito parte do pressuposto básico de que toda expressão necessita, como condição, de um suporte material, e que tal suporte é responsável por moldar essa mesma expressão a partir de suas lógicas. O que Kittler está propondo é a inclusão da categoria de meio em qualquer análise discursiva. Se na questão da exterioridade era McLuhan que se foucaultizava, agora é Foucault que se McLuhaniza. A medialidade seria, portanto, as características materiais próprias de uma mídia que possibilita a expressão como também a condição geral de uma dada sociedade de se expressar.

A questão da medialidade disposta dessa forma nos leva de volta ao estudo da literatura enquanto contra-ambiente das mídias. Pois,

se a literatura é medialmente constituída, então o seu caráter irá mudar historicamente de acordo com os recursos materiais e tecnológicos que possui a sua disposição. E também mudará historicamente de acordo com as medialidades alternativas com as quais compete. (WELLBERY, 1990, p.XIII, tradução livre)<sup>6</sup>.

De fato, é justamente nesse momento de criação de outras medialidades que não a escrita que marcam a passagem da rede discursiva 1800 para a 1900; a invenção das mídias eletrônicas, sistematizadas por Kittler como o gramofone, o filme, a máquina de escrever. O primeiro ponto a ser explorado é a auto-consciência da escrita quanto a sua própria forma, sua transformação em contra-ambiente, tal como expressa na poesia simbolista francesa do século XIX e seu caráter altamente material e identificada por McLuhan. E não apenas isso, mas como apontou Wellbery na citação anterior, o próprio caráter da literatura se transforma: de expressão de uma ‘alucinação interior’ para o registro de uma relação imediata com o mundo, ela se torna um sistema semiótico auto-consciente capaz de refletir e mapear as experiências mediais inauguradas pelas ‘novas mídias’ com as quais compete.

Não por acaso, os grandes heróis do modernismo literário - Joyce, Woolf, Kafka e até mesmo Burroughs - se preocuparam tanto com a própria materialidade expressiva e linguística do texto literário como também com as formas mediais que abriram novos caminhos para a expressão humana.

A rede discursiva 1900, portanto, é justamente a articulação midiática específica que deu origem às experimentações literárias promovidas pelo modernismo, de certa forma inevitáveis, justamente por essa dinâmica ambiental e contra-ambiental inaugurada pelo processo histórico.

Os escritores que, em torno de 1900, transformaram a literatura em uma prática intransitiva de escrita tinham razões antes sistemáticas que temáticas para fazê-lo. No panorama modernista da especialização medial, a escrita é um meio dentre muitos outros, com suas próprias limitações e possibilidades, e o escritor é um especialista do meio, um profissional das letras. (...) A medialização do discurso modernista é um evento contingente, um clinâmen histórico,

---

<sup>6</sup> "if literature is medially constituted then its character will change historically according to the material and technical resources at its disposal. And it will likewise change historically according to the alternative medial possibilities with which it competes".

não a realização de um projeto que se desdobra há séculos.  
(WELLBERY, 1990 p.XXX)<sup>7</sup>

Assim podemos compreender a partir de Kittler que a literatura e àquilo que McLuhan chamava de estilo são constituídos medialmente. Esse caráter medial da literatura é determinado pelas formas expressivas das mídias que povoam uma dada sociedade em um período histórico determinado e se traduzem diretamente nas formas de produção de sentido desses textos.

Como ocorre no caso da literatura modernista, as inovações tecnológicas inauguradas durante aquele período criaram uma rede discursiva com suas próprias regras e lógicas de produção de sentido que desafiavam as formas tradicionais de escrita que até então vigoravam. Assim, a literatura cria formas novas, que “competem” e são resultado direto dos mecanismos de gravação e reprodução do gramofone, do filme e da máquina de escrever. Assim, pensar numa análise de textos literários contemporâneos não apenas abre a possibilidade de compreender os modos pelos quais estão constituídas diversas redes discursivas como também possibilita, à moda de Foucault, estabelecer uma verdadeira Arqueologia das diferentes medialidades e o modo de seu desenvolvimento histórico que escapam a uma análise estritamente descritiva de seu caráter tecnológico.

## **Conclusão**

Esse breve panorama estabelecido sobre a proposta historiográfica de McLuhan e Kittler não apenas nos permite explorar com mais propriedade a questão da literatura como mecanismo possível para a análise das mídias como também de sua posição privilegiada como objeto pelo qual atravessa uma possível história das mídias. Tanto Kittler quanto McLuhan estabeleceram as linhas gerais de sua história das mídias a partir da literatura modernista da virada do século, justamente quando os primeiros meios eletrônicos surgiam na sociedade.

Entretanto, de acordo com suas próprias teorias, cada novo meio surgido ao longo

---

<sup>7</sup> "The writers who around 1900 transformed literature into an intransitive practice of writing had systematic rather than thematic reasons for doing so. In the modernist landscape of medial specialization, writing is one medium among others, with its own limitations and possibilities, and the writer a media specialist, a professional of the letter. (...) The medialization of the modernist discourse is a contingent event, an historical clinamen, not the realization of a project unfolding for centuries".

do século passado criou novos ambientes comunicacionais e redes discursivas, cada um responsável por produzir efeitos, a seu modo, sobre a escrita. Dessa forma, este trabalho segue na linha de não apenas reconhecer a importância da literatura no estabelecimento da história das mídias de cada um dos autores como também de propor uma abordagem metodológica que visa justamente olhar para a literatura e compreender quais os agenciamentos por ela produzidos em relação a paisagem midiática de seu próprio tempo. Com isso podemos nos perguntar: quais são as narrativas históricas sobre as mídias que podem ser estabelecidas se nos determos sobre os efeitos que os meios de comunicação contemporâneos produziram sobre a literatura?

Esse tipo de questionamento, cuja resolução escapa aos limites do presente trabalho, serve como guia para o desenvolvimento de possíveis abordagens historiográficas que consigam mapear diferentes aspectos da circulação midiática em nossa sociedade. Por não pautar-se por uma descrição estritamente tecnológica dos inventos midiáticos, que de modo geral tende a apoiar-se numa compreensão progressista e teleológica, tais “histórias dos meios através da literatura” tem a potencialidade de identificar rupturas e desestabilizar sentidos que se encontram ora dispersos, ora por demais cristalizados.

Um bom exemplo dessa abordagem historiográfica é explorada pelo autor John Johnston, no livro *Information Multiplicity* (1998). No livro, o autor estadunidense propõe-se a sistematizar, a partir da leitura de uma série de romances norte americanos das décadas de 70 e 80, algumas redes discursivas inauguradas no pós-guerra que seriam movimentadas por tais romances. Interessante na obra de Johnston é notar que tais textos expressam uma relação indissociável com as tecnologias de informação presentes na época que foram escritos, além de também produzir uma transformação na própria constituição do texto literário. Como afirma o autor,

Por escrever com e em relação às novas tecnologias de informação, esses romancistas inauguram uma prática totalmente consciente de sua própria relação maquínica com essas tecnologias e as ficções que produzem em um campo de informação mais alargado. (JOHNSTON, 1998, pos. 345, tradução livre)<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup>“By both writing with and in relation to new information technologies, these novelists inaugurate a writing practice fully cognizant of their own machinic relationship to this technologies and the fictions they produce within a larger information field.”

O argumento de Johnston aqui é semelhante ao que estamos debatendo ao longo do artigo: que uma história da literatura contemporânea necessariamente é também uma história das mídias. O texto literário não mais está dissociado dos arranjos midiáticos, significando por si próprio, mas funciona em uma relação simbiótica com o modo como as mídias produzem sentido. Dessa forma, podemos compreender a literatura sempre como uma forma de “escrever com” outras mídias e seus arranjos (tecnológicos, semióticos, sociais), onde esses arranjos estão sempre historicamente configurados e expressos na estrutura, tema e estilo da literatura.

A análise literária de Johnston aponta para uma configuração midiática que existe em função dos textos, possíveis redes discursivas que foram articuladas através da literatura. Johnston aponta para a existência de duas redes, a da Multiplicidade da Informação e a dos Agenciamentos Midiáticos. Mais do que descrever cada uma dessas redes aqui nesse espaço, cabe destacar o procedimento metodológico de Johnston, que dá seguimento ao trabalho de Kittler e McLuhan ao estabelecer não apenas uma diferente forma de dar conta da história dos meios como também produz narrativas que podem colocar em xeque a compreensão tradicional dessa mesma história.

Assim, a proposta que aqui delineamos segue como um possível caminho a ser desenvolvido em pesquisas sobre história das mídias.

## Referências

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

JOHNSTON, John. **Information multiplicity: american fiction in the age of media saturation**. Baltimore: Johns Hopkins, 1998. Edição digital para Kindle.

KITTLER, Friedrich. **Discourse networks**. Stanford: Stanford University Press, 1990.

\_\_\_\_\_. **Grampopohne, film, typewriter**. Stanford: Stanford University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. **Optical media**. Nova York: Polity Press, 2010.

MACHADO, Irene. **Viéses da comunicação: explorações de Marshall McLuhan**. São Paulo: Annablume, 2014

McLUHAN, Marshall. **A galáxia de gutenberg**. São Paulo: Nacional, 1977

\_\_\_\_\_. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 2007.

McLUHAN, Stephanie (Org.). **McLuhan por McLuhan.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

NAKAGAWA, Regiane Miranda de Oliveira. **A retórica da comunicação entendida como metalinguagem.** In: Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul: Intercom, 2010.

WELLBERY, David. *Introduction.* in. KITTLER, Friedrich. **Discourse networks.** Stanford: Stanford University Press, 1990.

WINTHROP-YOUNG, Geoffrey e WUTZ, Michael. *Translator's Notes.* in. KITTLER, Friedrich. **Grampopohne, film, typewriter.** Stanford: Stanford University Press, 1999.